

RUDOLF SCHENKER
COM LARS AMEND

ROCK YOUR LIFE

O Fundador e Guitarrista
dos Scorpions desvenda o seu segredo:
como ter êxito com prazer e felicidade

Prefácio de Paulo Coelho 8

Introdução 12

1. COM OS OLHOS DE UMA CRIANÇA 17

2. NÃO PODES DESISTIR! 33

3. PRESTA ATENÇÃO AOS SINAIS DO MUNDO QUE TE RODEIA 98

4. O MEDO, DOENÇA DO POVO 122

5. LET'S TALK ABOUT MONEY! 144

6. A ALMA, O CORPO E O ESPÍRITO 187

7. EDUCAÇÃO 222

8. AMOR 259

9. SOMOS TODOS GUERREIROS DA LUZ 331

Indicações Bibliográficas 347

1. COM OS OLHOS DE UMA CRIANÇA

Quando observamos o nosso mundo com os olhos de uma criança inocente, parece que descobrimos rapidamente o segredo de uma vida feliz e realizada. Respeita determinadas regras do jogo, traz boas notas para casa e trabalha todos os dias com todo o afinco, e os teus esforços serão generosamente recompensados – com mais regras, mais escola e mais trabalho ainda mais duro. E depois de teres passado a escolaridade com êxito, uns anos mais tarde espera-te o mais genial que a vida tem para te oferecer:- um emprego, dinheiro e um futuro que consiste numa corrida sem fim por mais – até que um dia, estamos velhos e grisalhos e morremos. É assim que descrevemos geralmente uma vida feliz.

“Francamente, que afirmações torpes! Onde foi este Rudolf buscar este cinismo?” é o que pensam alguns. “Sim, e qual é o problema? A vida é mesmo assim!”, pensam outros. A que grupo pertences tu? Talvez nem tu o saibas exactamente, porque nunca pensaste nisso. *Easy, Tiger*, não há qualquer problema, põe-te a filosofar um pouco. Entretanto, vou-te contar uma cena que presenciei, este ano, em Schwarmstedt, a minha aldeia.

O dia estava maravilhoso, o sol brilhava e uma agricultora biológica estava, como todas as semanas, a montar a sua banca de frutas e legumes na praça da aldeia. Eu, bebia, como sempre, o meu expresso-de-bons-dias na pizzaria do Gino, quando entraram dois homens e se sentaram numa mesa perto de mim. A julgar pelo seu comportamento e pela forma como estavam vestidos, eram dois vendedores ambulantes, pelos seus 40, em viagem. Pediram *capuccinos* e começaram a falar alto sobre as consequências da crise financeira. Insultavam ininterruptamente um Estado incapaz, políticos imbecis e instalados no poder, e um capitalismo que tinha ido por água abaixo. Os avaros gerentes, que eles declaram ser clara e indubitavelmente os verdadeiros culpados do desespero, foram os mais insultados. Eles tinham que responder

por tudo:- pelo chefe mal-humorado, pelos seus medos quanto ao futuro, pelas más notas dos seus filhos, e até pelos seus problemas privados. Eu ouvia, curioso. Será que aquele tipo atribuía realmente a culpa da sua crise matrimonial a um gerente bancário perfeitamente desconhecido? Exactamente! E estava mesmo a falar a sério. Ele nunca tinha tido dificuldades antes da crise financeira, nem com a mulher, nem com os filhos, nem no emprego – a vida dele era perfeita! Mas agora, um problema levava ao outro e só um podia ter a culpa – o malvado gerente bancário. Fim de discussão. A conta, por favor! Quando, pouco tempo depois, seguiam novamente o seu caminho, eu fiquei a olhá-los por um momento. Não me pareciam felizes.

Então? Reconheceste-te um pouco no discurso dos dois homens? Talvez não palavra-por-palavra, e talvez tenhas sido poupado pela crise financeira, mas não tens o hábito de procurar, muitas vezes, a culpa nos outros e não em ti? Podes admiti-lo, quase toda a gente o faz.

Mas voltemos ao exemplo do malvado gerente bancário. A opinião geral sobre o banqueiro não é a melhor, como se sabe, e quando no início do ano se viram, nos noticiários, bonecos de plástico vestidos como banqueiros, a balançar nos postes de iluminação de Londres, talvez também tenhas pensado – mesmo que apenas por um momento:- “Assim é que é. Enforcuem esses vigaristas!”

OK, relê a última frase calmamente. Continuarias a pensar assim, se o banqueiro fosse o teu irmão mais novo? O teu amado marido, o teu melhor amigo, ou mesmo o teu pai? Como seria então a tua imagem de tudo aquilo?

O banqueiro não é o único culpado da desgraça, se é que se pode falar em culpa. Dá um passo em frente, em pensamento. Mesmo que pareça estranho, todos nós somos igualmente culpados da nossa situação actual. Qual é a tua relação com o banqueiro? Então? Tu também tens, com certeza, o teu dinheiro num banco e assim, apoias o sistema. Achaste que fazia sentido, enquanto te serviu pessoalmente, certo? Ninguém se pode ilibar. Estamos todos no mesmo barco e todos nós alimentamos coisas que aceitamos – para os nossos filhos e para os filhos deles.

A consciência do mundo foi encaminhada, por todos nós, nesta direcção, por uma programação defeituosa. Crise financeira mundial, catástrofe climática, guerras religiosas – tudo isso somos nós, porque é feito por nós e só por nós. Por isso, também por ti. Não serve de nada olhar para os outros, e também não, certamente, insultá-los, porque fazem meramente aquilo que o sistema, em que todos vivemos, impõe:- sê o melhor, o mais inteligente, o mais rápido, o mais forte! Bem se vê aonde esta forma de pensar leva. Ou ensinaram-te, na escola, a ser o mais feliz? Foste admitido ao exame final por te preocupares,

afectuosamente, com o bem-estar da tua turma, ou “apenas” porque aprendeste de cor um excerto importante?

Dizem sempre que o mundo é difícil de compreender, que tudo é muito complicado, opaco e complexo. É possível, mas não é preciso ser-se um génio para reconhecer que, mesmo assim, não funciona. Enquanto houver cada vez mais gente a morrer de fome, enquanto guerras brutais dominarem continentes inteiros, enquanto houver tanto sofrimento e infelicidade em todo o mundo, e as pessoas já não encontram o sentido da vida, apesar de haver soluções para todos estes problemas, ninguém me poderá fazer crer, com argumentos válidos, que este sistema, que criou todas estas crises, é o certo. Não pode ser. Todos nós o sabemos e, mesmo assim, não mudamos nada. Porque se queixam as pessoas, como os vendedores do restaurante do Gino, sobre a sua vida infeliz, em vez de usarem a mesma energia que gastam a lamentar-se para mudar alguma coisa, activamente? Porque não assumem a responsabilidade das suas próprias vidas! Atribuem-se o papel de vítimas, para não terem sentimentos de culpa, caso, no fim, falhem. Então, teriam que confessar: “Caraças, eu fiz merda. Eu sozinho e mais ninguém!”

O CAMINHO DE OBAMA

Podemos maravilhosamente observar este fenómeno se tomarmos o exemplo do êxito de Barack Obama. Não acredito que ele seja tão admirado apenas por ter conseguido ser o primeiro presidente preto na história dos Estados Unidos da América. Tem muito mais que ver com o facto dele ter conseguido algo que parecia totalmente impossível. O fardo que representava a sua cor de pele era tão imenso, que ele teve que ter uma enorme força de vontade, para poder ultrapassar obstáculos que pareciam impossíveis de ultrapassar. Obama realizou o seu grande sonho e mostrou à humanidade que podemos alcançar tudo quando acreditamos em nós próprios. Por isso ele é tão admirado, e homenageado como uma estrela de rock. Finalmente o mundo voltou a ter um líder a quem pode passar a responsabilidade por todos os seus problemas. Temos um novo messias que vai pôr as coisas em ordem, e podemos de novo respirar livremente, pois, a partir de agora, não precisamos, na nossa ociosidade de pensar mais. Certamente que o nosso mundo precisa de visionários como Obama, que se destacam, que saem dos carris e seguem o seu próprio caminho. Gente para quem não há compartimentações, que cria uma nova forma motriz e nos faz andar em frente. Mas também tu podes ser

alguém assim. Não, já o és! Apenas não te apercebeste ainda. Às vezes, a flor mais bonita cresce no monte de esterco mais mal cheiroso, mas se estamos perante ela de olhos fechados, nunca poderemos aperceber-nos da sua beleza. A crise económica é um destes montes de esterco. Precisamos da força motriz que resulta dela, para baralharmos a nossa ordem normal. Aquilo que descrevemos como »ordem normal« é fortemente empurrada para o caos e, apesar de tudo, não parece ser mau aproveitarmos esta crise para mudarmos completamente a nossa forma de pensar. Somos agitados de uma forma ordeira, mas não somos verdadeiramente acordados. Continuamos com a cabeça debaixo da areia e os olhos fechados. Ou não fazemos nada, ou procuramos encontrar soluções para os problemas, usando os meios que nos colocaram na situação em que nos encontramos. Voamos para a lua, enviamos foguetões para o universo, mas não nos apercebemos das coisas que parecem mais simples. Por isso, no futuro, continuará a haver crises, tomem a forma que tomarem, até que finalmente alguém perceba que o nosso sistema deve ser alterado. Muito bem, mas o que tem tudo isto que ver comigo?, talvez te perguntes agora. Tu apenas queres pôr a tua vida em marcha, e não, salvar o mundo. É claro que compreendo isso, mas isso não é nenhum contra-senso. O grande mundo desenvolve-se da mesma forma que o teu pequeno mundo pessoal, assim como o mundo pessoal de todos os outros. Nós próprios o criámos, o construímos de acordo com a nossa forma de ver. Deus deu-nos o livre arbítrio, por isso nos deixa fazer todas estas asneiras. Ele deu a cada um de nós, a ti, a mim, a Barack Obama, a Osama Bin Laden, aos sete milhões de pessoas deste planeta, o poder para fazermos tudo de forma diferente, neste segundo, neste lugar, não apenas em teoria, mas na prática. Todos nós sabemos disso, mas só poucos o proclamamos. No entanto, apercebi-me de que, nos últimos tempos, a consciência global mudou massivamente, de forma positiva. Isto é bom, pois ainda há 30 anos tudo era diferente. A humanidade acorda lentamente da sua sonolência, a tempo de caracol, mas acorda. Como se costuma dizer:- água mole em pedra dura, tanto dá até que fura. E, mesmo assim, estamos sempre a perder a noção do Todo e não usamos a nossa energia para a mudança, mas para a acumulação de matéria:- casa, carro, televisor, computador portátil, telemóvel e, e, e... Os nossos filhos asfixiam nos seus quartos por causa de todos os brinquedos, e não sabem com o que devem brincar, porque os seus cérebros não conseguem lidar com este peso constante. Inundamos os nossos sentidos com estímulos sempre novos e já nem nos apercebemos de que apenas tentamos desesperadamente colmatar uma falta, pois todas as coisas que adquirimos, a partir de um determinado

limite, são um sinal claro de que nos falta algo importante na vida. Nomeadamente, a capacidade de preenchermos a vida connosco próprios. Os *yogis* não precisam de nada por terem tanta energia positiva que tudo o que é exterior lhes é supérfluo. Os objectos, para eles, deixaram de ter qualquer significado, porque a sua consciência se encontra a um nível muito superior. Estão no encaço do segredo da vida e tens que concordar que, em comparação com isso, um belo carro desportivo parece insignificante - ou não? Isto parece tudo muito fantasmagórico, estou ciente disso. Já faço esta viagem há mais de quatro décadas e só te posso aconselhar a arranjares também um bilhete. Não custa nada, *it's all for free*. Não terás a sabedoria de um *yogi* de um dia para o outro, mas vais aperceber-te de que o nevoeiro em teu redor se dissipa lenta e seguramente. É uma sensação bestial! Garanto-te!

VIRGIN KILLER

O mundo não é nada complicado de perceber, se nos esforçarmos com todos os sentidos. O truque é tentar excluir toda a sabedoria anterior. Imagina só que perdeste a memória. Sim, OK, isto não é nada fácil, mas, mesmo assim, tenta. Quando um bebé vem ao mundo, vem equipado com todas as características do ser humano. Mas em vez de desenvolver este potencial, a sociedade age sobre o bebé e mata continuamente essas capacidades divinas. Já vinha na Bíblia: »Deixai-nos ser como crianças ...«, pois as crianças são felizes. É este o ponto fulcral. É aqui que temos que atalhar. Pergunta-te porque será que os nossos filhos, quanto mais velhos são, quanto mais se aproximam da idade adulta, mais infelizes e *stressados* se tornam. A resposta parece plausível: porque o sistema leva continuamente as crianças a lutarem contra a sua natureza. As crianças encaram naturalmente a vida como uma brincadeira, não se contêm porque a sua razão não os bloqueia. Não têm medo do futuro, daí que ainda se divertam verdadeiramente. Quantos adultos podem dizer isto de si próprios? Eu não sei, mas o número não deve ser alto. Era exactamente este o fenómeno que queríamos mostrar com a capa do nosso álbum de 1976, *Virgin Killer*. Uma jovem nua estava atrás de um vidro, que tinha uma racha sobre as suas partes íntimas. Naquele tempo, aquilo para nós era simultaneamente arte e crítica social, mas os protectores da juventude apenas viam indecência. De acordo, o tema era uma forma muito directa de dizer, pela qual optámos, que era altura da virgindade morrer. A criança é tolhida com informações que foram

tecidas por umas pessoas quaisquer há muito tempo, parcialmente com ligações directas às leis da natureza, e parcialmente também para levar uma sociedade à loucura, para a fazer prisioneira do seu próprio sistema. Parece isto muito aventuroso, e uma conspiração da humanidade contra si própria? E continuas a perguntar-te qual é o teu papel? Tu apenas queres ser feliz, ter alguma *guita* na conta e ter uma boa vida. Exactamente! Mas antes de poderes conseguir isso, tens que perceber o princípio segundo o qual tudo funciona. Todos nós somos parte deste sistema, e a razão pela qual tudo, bom e mau, grande e pequeno, é como é. Teres este livro nas mãos já é um sinal de que estás aberto à mudança, e a repensar. Se queres ter êxito na vida, então descobre o que te faz feliz e o que te diverte. Volta a brincar. Claro que isto parece uma infantilidade, voltar a brincar..., mas é exactamente assim que deves encarar a coisa. Eu construí a minha felicidade conscientemente. A vida é um grande jogo pessoal. Imagina que não trabalhas mais, apenas brincas! Não seria o máximo? Então, como pode ser mau aquilo que te traz prazer? Bingo! Agora percebeste. E com isto declaro oficialmente a abertura dos teus jogos.

LET'S PLAY!

Tudo bem, Rudolf, bela ideia! *Let's go!* Vamos brincar. Mas a quê? E para onde devo ir, para a esquerda ou para a direita? E o que hei-de levar para brincar? E o que hei-de vestir? Vou-me sujar? Então talvez seja melhor deixar os ténis brancos no armário, não? O que achas, choverá? Deixo o telemóvel aqui? Alguém pode telefonar-me! Será que devo alterar a minha mensagem no *Myspace*? Caramba, daqui a três horas começa a nova temporada do »Dr. House«. Será que já estarei de volta? Será que ainda vale a pena? Será que não era melhor ficar no sofá e mandar vir uma *pizza*? Ou ir depressa ao videoclube buscar uma cassete do »Dr. House« e a *pizza* e pôr os pés para o ar, o que me dizes? Amanhã tenho que ir cedo para a porcaria do trabalho! Nem posso pensar nisso. Que *stress!* Merda, vou ainda ao rapidamente ao *Facebook*, dizer que hoje não vou apanhar o começo. Será que o videoclube não tem serviço de entregas? Sim? Boa! Assim não tenho que sair de casa. Rudolf, não sei porquê estou enervado com todo este movimento. É demais para mim. Falamos para a semana, OK? Então, até lá. Adeusinho. Claro, até então, mas achas realmente que as tuas respostas serão diferentes para a semana? Não terás que sair cedo para fazer qualquer coisa que te enerva?

Acredita em mim, as desculpas para mantermos os *status quo* são intermináveis. Seja qual for a decisão que tenhamos que tomar na vida, estamos sempre em guerra connosco próprios. Todos os dias, de novo. De um lado temos a nossa alma, o nosso »coração«, que está sentado no nosso ombro esquerdo, com a forma de anjinho bonitinho, e que quer correr o mundo connosco todos os dias. O seu poderoso adversário é a nossa razão, que está sentado no ombro direito, em forma de diabo, e que está sempre a amedrontar o anjo com o seu tridente, fazendo-o temer todas as mudanças. A razão e a alma estão sempre às voltas com o nosso senso comum e, como sabes por experiência própria, deixamos quase sempre a razão ganhar. **Eu já decidi há muito tempo só ouvir o meu coração, pois tomei consciência de que não tomaria nunca uma decisão errada.** Talvez não me tenha levado sempre pelo caminho mais directo para o objectivo, mas fez-me levantar do sofá todos os dias e fez-me enfrentar o mundo com um sentimento de exuberância. Já há muito que decidi só ouvir o meu coração, pois tomei consciência de que não tomaria nunca uma decisão errada.

OCEAN'S ELEVEN EM ATLANTA

Em 1979 fizemos uma digressão com o nosso álbum *Lovedrive* nos EUA. Em Atlanta, ficámos no Peachstreet Plaza, um hotel super estiloso – redondo como uma torre, com uma fachada em vidro. Do meu quarto tinha uma vista sensacional sobre o *skyline* da cidade, porque podia olhar para o céu em linha recta – bestial! Estava sentado à secretária com a minha guitarra, a televisão estava ligada sem som e estava a compor. Estava exactamente a criar o início de *The Zoo*, um tema do futuro álbum *Animal Magnetism*, e olhava a vista com o pensamento vago. Tinha seleccionado o *News Channel*, onde mostravam o voo de um helicóptero, ao vivo. Não prestei mais atenção e concentrei-me totalmente na composição. De repente ouvi muito barulho. Pus a guitarra em cima da cama, fui à janela e vi um helicóptero a pairar mesmo nas minhas barbas. »Hmm, já o vi«, pensei eu, e olhei para a televisão, para a janela, de novo para a televisão e para a janela e era realmente o mesmo helicóptero. Aumentei imediatamente o som e percebi que o helicóptero filmava o banco ao lado do nosso hotel, que estava, naquele momento, a ser assaltado por *gangsters*. Fantástico! Conheces a cena do filme, em que o Basher Tarr está no seu quarto de hotel em Las Vegas e vê na televisão a implosão de um hotel, apesar desta cena se passar mesmo ao seu lado e de lhe bastar olhar pela

janela? Foi assim que me senti. Quase em Hollywood! Também tu podes viver isto, à tua maneira, no teu mundo, se não adiares constantemente o divertimento para a semana que vem. E, sobretudo, não tenhas medo. Eu sei que estás a pensar que tens que resolver um milhão de problemas, antes de poderes relaxar por um momento. Mas estás errado! **Na vida não há problemas, apenas situações novas.** Os problemas não têm solução. Pelo contrário, as situações aborrecidas têm. Se houvesse realmente alguma coisa que não te deixasse dormir à noite, olha para isso com toda a atenção. Põe os sentidos todos alerta, altera qualquer coisa, ou aceita essa situação tal como é, mas não deixes que ela te escravize. Sabes quem te põe todos esses problemas na cabeça? Pergunta à tua razão! Ele está sempre a falar-te das histórias terríveis que podem, um dia, atingir-te. Percebes o truque que ela usa? A razão só te fala no conjuntivo, porque os problemas não têm nada que ver com o presente, ou seja, com a tua vida real neste momento. Ainda se encontram num futuro distante. Talvez, um dia, te batam à porta, ou talvez não. *Who knows.* Pensa nisto calmamente. Preferes ficar no sofá, sobrecarregando-te com pensamentos negativos que são absolutamente especulativos, a divertires-te com o espírito liberto. É uma loucura. Esse princípio de estimulação do medo surge por todos os lados, nos media, na economia, na religião, na política. Na vida não há problemas, apenas situações novas. Todos usam este sentimento humano em seu proveito, para fazer com que o povo-vítima acredite nas suas decisões. Ninguém pergunta porque todos se atarefam tanto a ter medo do amanhã: Pelo amor de Deus, serei eu o próximo a ser despedido, será que a minha família terá o suficiente para comer, será que sobreviverei à gripe das girafas, quanto tempo mais poderei pagar a minha renda, será que vou adoecer por causa da carne transgénica, o que se passa com a minha reforma, haverá uma terceira guerra mundial? Isto é loucura absoluta! É quase como se no jardim infantil, quando ainda podias brincar despreocupadamente, fizesses desenhos sobre a tua vida futura. Para ser franco, não posso imaginar. Temos que ter presente, muito claramente, uma coisa:- todos somos apenas uma imagem da nossa sociedade, dos nossos pais, dos nossos professores, das nossas crenças, de todo o mundo que nos rodeia, pois fomos programados de acordo com as suas ideias e sistemas de valores. Nós transmitimos este saber aos nossos filhos. Não é preciso ser-se muito religioso para perceber que Deus, seja qual for a forma com que existe para cada um, quer que todos os Homens na terra sintam a maior felicidade possível. Mas porque será que isto não funciona? Somos nós de novo – presos no ciclo do medo. Rebenta-o! O medo da dor é sempre pior do que a própria

dor. Nós sabemos que assim é, e caímos sempre na mesma armadilha do »como seria se...« – e, por fim, quase não podemos mexer-nos de tanto medo. Já em criança esta forma de comportamento dos adultos me era muito suspeita. Tentava explicar isso com os meus meios ingénuos, mas por mais que me esforçasse, não conseguia perceber. Os meus pais discutiam, muitas vezes, sobre acontecimentos hipotéticos, que poderiam vir a dar-se no dia seguinte, no ano seguinte, ou dali a dez anos. Então, via, muitas vezes, uma expressão de preocupação e de sofrimento na cara da minha mãe. Por exemplo, ela queria muito que eu seguisse o caminho profissional da família dela, e já me via como montador-reparador de instalações telefónicas na Siemens, ou na empresa dos correios alemã. Ela vem de uma família tradicional de funcionários e queria este tipo de segurança para mim. Bem burguês, o que interessa é que a reforma esteja assegurada. Ela projectava os seus desejos nos filhos, pois só queria o melhor para nós. E se acontecesse algo que pudesse abalar esta imagem fantasiada, ela tinha que ver-se com o medo. Como provavelmente 99 por cento das mães. Não é de doidos? Temos medo de algo que não aconteceu ainda. »O que tem que vir, virá de qualquer forma, por isso, não te preocupes.« Uma frase do meu pai que é tão verdadeira. Se amanhã não acontecer aquilo de que tenho medo, então preocupe-me para nada. E o tempo em que podia ter-me divertido perdeu-se irremediavelmente. Martin Luther disse uma vez:- »Se eu soubesse que amanhã o mundo se quebraria em mil pedaços, plantaria hoje ainda uma árvore« . Ele percebia que não faz sentido ter-se medo do futuro. Mas sim, ficamos felizes hoje, ao vermos uma árvore. **O que tem que vir, virá de qualquer forma, por isso não te preocupes.** Se pensarmos bem, torna-se-nos claro porque não é tão fácil como parece sermos felizes, divertirmo-nos e brincarmos. Mas porque fazemos com que seja tão difícil? Afinal, são coisas que sabemos serem boas para nós. A resposta é tão simples como surpreendente: Nunca aprendemos de outra forma! Por mais estranho que possa parecer, nunca nos ensinaram a sermos felizes do fundo do coração, nem a divertirmo-nos. Tudo o que nos incutem desde a nascença é a produzir e, depois do êxito reconhecido, a lutarmos pela posse de bens materiais e por reconhecimento social. E então, caímos numa hibernação, chamada rotina, que dura toda a vida, e só acordamos quando a morte nos bate à porta. »Ah, já está na hora, já?«, admiramo-nos. completamente surpreendidos. »*Fuck!* A vida ainda nem começou e já chega ao fim? Ainda queria fazer tantas coisas amanhã!« Mas infelizmente é:- *Game over!* Esta visão é bastante frustrante, certo? Então, esquece-a imediatamente. **Um dos primeiros passos para a**

mudança é reconheceres que és o único responsável pela tua situação.
Não te posso dizer o que deves fazer. O que não é um problema, porque tu conheces o teu caminho. Tudo o que tens a fazer agora, é levatares-te do sofá e quebrar o sistema... ou simplesmente virar a página. Um dos primeiros passos para a mudança é reconheceres que és o único responsável pela tua situação.